

Transcrição: "Paulo Autran - O Senhor dos Palcos"

- Amigos! Romanos! Patrícios! Prestai-me atenção! Eu vim para enterrar César! Não para elogiá-lo! O mal que os homens fazem, vivem depois deles.
- Se vocês puderem dar licença pro público assistir. Eu gostaria muito.
- Amigos! Romanos! Patrícios! Prestai-me atenção! Eu vim para enterrar César! Não para elogiá-lo! O mal que os homens fazem, vivem depois deles.
- O bem é quase sempre enterrado com seus ossos. Seja assim com César.
- O nobre Brutos vos disse que César era ambicioso.
- Se isto é verdade era um defeito grave. E gravemente César pagou!
- Nós todos conheceis esse manto.
- Eu me lembro até da primeira vez que César o usou.
- Olhai! Por aqui penetrou a ataca de Cássio!
- Verde o rasgão que fez o invejoso Cássio!
- Por aqui passou o punhal do bem amado Brutos.
- E ao retirar seu aço maldito, notai como o sangue de César o seguiu.
- Concorrendo à porta para convencer-se de que era Brutos mesmo quem batia de modo tão cruel!
- Pois Brutos bem sabeis era o anjo de César!
- Ah! Que queda foi aquela, camaradas!
- Eu! Nós! Vós todos caímos nesse instante! Enquanto a traição sangrenta crescia sobre nós!
- Não vim aqui para acirrar paixões!
- Apenas para o reto.
- Me digam somente o que todos sabeis!
- Mais fosse eu! Brutos!
- E Brutos é Antônio! E haveria que um Antônio capaz de sacudir as almas!
- Colocando uma língua em cada ferida de César! Para erguerem revoltas pedras de Roma!
- Pois este era um César!
- Como ele! Que outro haverá?!

Karim Rodrigues

-Vem!

Aqui! Aqui! Aqui!

-Livros!

- Agora vamos ver umas fotos aqui.

- Aqui esses quadros todos.

- Fotografia

- Aqui o Solness , Construtor

- Livros

- Onde a gente ouve música.

- Onde eu ouço aqueles discos lindos do Paulo falando pro Fernando Pessoa.

- E aqui umas peças que nós fizemos juntos

-Onde começou essa amizade que acabou em casamento aqui no Ecos

- Peça linda onde o Paulo tava maravilhoso

- E logo em seguida a gente fez Dr Knorck lá no Teatro Anchieta

- Aqui Pato com Laranja

- Onde a gente ganhou bastante dinheiro

- Que eu até pude comprar essa casa

- Quer ver?

- Aqui..

- O único papel feminino que o Paulo fez

- O Tartufo

- Ele fazia a mãe do Tartufo além do Tartufo.

- Claro!

- E aqui, olha!

- Aqui é interessante. É com a Tônia fazendo a amante inglesa.

- A Tônia foi uma mulher importantíssima na vida do Paulo

- E agora José? A festa acabou.
- A luz apagou
- O povo sumiu.
- A noite esfriou
- E agora José?
- E agora você
- Você que é sem nome
- Que zomba dos outros
- Você que faz versos
- Que ama
- Protesta
- E agora José?
- Está sem mulher
- Esta sem discurso
- Está sem carinho
- Já não pode beber
- Já não pode fumar
- Cuspir já não pode
- A noite esfriou
- O dia não veio
- O bonde não veio
- O riso não veio
- Não veio a Utopia
- E tudo acabou
- E tudo fugiu
- E Tudo mofou
- E agora José?
- E agora José?
- Sua doce palavra
- Seu instante de febre

- Sua gula em jejum
- Sua Biblioteca
- Sua lavra de ouro
- Seu terno de vidro
- Sonho e coerência
- Seu ódio
- E agora?
- Com a chave na mão
- Quero abrir a porta
- Não existe porta
- Quero morrer no mar
- Mas o mar secou
- Quero ir para Minas
- Minas não há mais
- José, e agora?
- Se você gritasse
- Se você gemesse
- Se você tocasse a valsa Vienense
- Se você dormisse
- Se você cansasse
- Se você morresse
- Mas você não morre
- Você marcha José
- José, para onde?

Paulo Autran (entrevista)

- Quando meu pai mudou para São Paulo
- Eu passei a frequentar Teatro em São Paulo
- E até sozinho
- Oito ou nove anos de idade
- Eu ia sozinho ao teatro

- Meu pai conseguia convites pra mim
- O que é um péssimo hábito
- E eu ia assistir
- Assisti tudo que aparecia em São Paulo
- Eu vi Alda Garrido
- Mesquitinha
- Jaime Costa
- Procópio
- Dulcina
- Enfim, todas as companhias de teatro.
- Antigas eu assisti
- lembro que
- Na ocasião
- Nós tínhamos um professor
- Era um arquiocesano
- Todos os professores eram irmãos maristas
- Então havia um que o apelido dele era Pinóquio
- Em aula de gramática histórica
- Que eu achava chatérrimo
- E eu tava conversando
- Ele percebeu e disse
- Paulo Autran!
- Pois não!
- O senhor estava conversando
- Sobre o que eu estava falando?
- Disse: O senhor estava falando sobre gramática histórica
- Ah é? Então vem aqui na pedra e me dê um exemplo de uma palavra
- E me diga quais são as raízes gregas ou latinas dessa palavra
- Eu disse: pois não
- Eu pra pedra e escrevi: PINÓQUIO

- Em vez dele achar graça
- Ele ficou furioso
- Vermelho de ódio!
- E achando que ia me dobrar
- Ele disse : Ah muito interessante!
- E quais são as raízes dessa palavra?
- Vem de Pinos
- Pinos, Nóquios
- Nóquis nariz em latim
- Ele disse: Volte para o seu lugar!
- O senhor vai ficar em pé e vai decorar quatrocentas linhas
- Que era o castigo máximo do arquiocesano
- Então eu ao ir pro meu lugar
- Quando eu to chegando eu fingi que tropecei
- A classe inteira as gargalhadas
- Volte pra cá!
- Voltei
- Volte pro seu lugar e sente-se normalmente!
- Eu fui
- Então eu já fiz uma cena de teatro
- Eu já fiquei com uma
- Fingindo que estava com medo de tropeçar
- Tropecei de novo
- Umas cinco ou seis vezes eu tropecei
- Ai eu olhei pra cara dele
- O queixo dele tremia
- Ele não tava mais vermelho, ele tava branco de ódio.
- E ele tremia
- Eai começou a dizer horrores
- Isso! Aquilo! Aquilo outro!

- Subordinado! Não sei o que!
- E eu
- Não ! Em pé no meu lugar!
- Não podia mais sentar
- E ele extravasou o ódio dele durante o resto da aula
- Ele começava dar aula
- Recomeçava a dar aula
- Parava para tornar a me xingar
- Um ódio danado
- E eu achando graça em tudo aquilo
- Então quer dizer
- Não era tanto para infernizar
- Eu me divertia
- E me divertindo irritava os professores
- Paulo, se perguntasse assim de repente pra você.
- Quem é Paulo Autran?
- O que você responderia?
- Um ator de teatro
- Só?
- Principalmente

Parte dos textos teatrais

- A vida toda eu tive essa sensação
- De que eu..
- De que eu tava de passagem
- De que eu vivia transitoriamente
- Eu não pertencia ao colégio
- Não fazia parte
- Psicologicamente não me sentia fazendo parte do colégio

- Eu via os meus colegas interessadíssimos naquela vida de colégio
- E eu nunca me interessei por isso
- Nem na faculdade
- Eu era assim sempre
- Me senti estranho
- Só comecei a sentir que eu pertencia a alguma coisa
- quando eu comecei a fazer teatro
- Teatro!
- Ai de repente eu me identifiquei
- Com aquela gente de teatro
- Pela primeira vez eu sentia que eu pertencia a alguma coisa
- Pertencia a uma comunidade

Entrevista com Paulo Autran

- Todos os grupos
- As pessoas que se unem
- E trabalham há algum tempo juntas
- Elas ficam juntas enquanto dura a fé
- A nossa fé no TBC que nos levava a trabalhar
- Às vezes quatorze horas por dia
- Quinze
- Dezesseis horas por dia
- Era fé em que estávamos fazendo um bom teatro
- Pela primeira vez no Brasil
- Nós tínhamos uma crença total e absoluta nisso.
- Na década de quarenta
- O industrial Franco Zampari
- Criou em São Paulo o TBC
- Teatro Brasileiro de Comédia
- Se transformou na organização cultural teatral mais importante do nosso tempo
- Por ele passaram os melhores diretores da época

- capitaneados pelo melhor de todos
- Adolfo Celi
- Com Ziembinski
- Jacob
- Luciano Salt
- Burguini
- Os atores que mais trabalharam no TBC foram
- Cacilda Becker
- Eu
- Paulo Autran
- Tony Garrero
- Valvo Chagas
- Sérgio Cardoso
- Céle Piari
- E tantos outros
- O TBC deu um salto qualitativo no Teatro Brasileiro
- Tornando a dar ao ator
- Ao texto sua importância capital no espetáculo

Antonio Abujamra

- Zbigniev Ziembinsky
- Adolfo Celi
- D'Aversa
- Salce
- Esses diretores todos que invadiram uma época que mudaram praticamente
- A estética teatral
- Você acompanhou a todos
- Lá no Teatro Brasileiro de Comédia
- E esses diretores deram realmente
- Essa nova estética ao Teatro Brasileiro
- E das quais assim começou com Antonis Filho

- Toda a minha geração
- Assistindo isso também para entrarmos
- Com uma estética brasileira
- E aproveitando tudo deles
- Fala alguma coisa deles porque na realidade
- Ninguém sabe nada sobre esses diretores
- Fala sobre o Celi
- Sobre o Ziembinsky
- Sobre Vanor
- Fala sobre eles um pouco para nós
- Eu me lembro, por exemplo, Ziembinsky
- É o grande responsável pelo primeiro espetáculo
- dentro de uma concepção de Teatro moderno
- Que houve no Brasil
- Que foi o Célebre vestido de Noiva
- De Nelson Rodrigues
- Que ele dirigiu
- Um espetáculo no Rio de Janeiro
- Agora, o Celi não
- O Celi conseguiu montar o TBC
- Com o elenco enorme
- Contratado por ano
- E manteve aquilo anos e anos e anos
- Funcionando e funcionando bem
- E todos os espetáculos tinham um nível altíssimo
- Porque todos tinham a supervisão dele
- Todos tinham a supervisão do Celi?
- Todos
- Mesmo o Salce?
- Mesmo o Salce

- Quer dizer
- Não é que o Celli fosse assistir a direção
- Mas o Celli dava palpite na escolha do texto
- Celli dava palpite na escolha do elenco
- E Celli de vez em quando até assistia ensaio
- E sempre se conversavam muito
- Eles eram muito amigos
- Todos

Outra entrevista

- Toni Carrero
- Adolfo Celli e eu
- Saímos do TBC para montar a nossa própria companhia
- Celli estava no auge do seu prestígio com a crítica
- E a intelectualidade do país
- E eu!
- E eu precisava montar Shakespeare
- Nós três precisávamos montar Shakespeare
- E escolhemos Otelo
- Tudo tinha que estar perfeito
- Os ensaios duravam até as oito
- Nove horas da manhã
- Dias
- Dias
- Noites
- E noites inteiras
- E eu
- Eu estava completamente fraco
- Não tinha forças para mais nada
- Fui apenas indicando as emoções sem conseguir
- Vivenciá-las totalmente

- Não tinha mais forças
- Justamente quando Otelo cresce
- Eu não tinha força física para fazer o papel
- Eu chorava
- Saia de cena e chorava
- Porque não conseguia chegar lá
- E eu tenho três semanas para me recuperar

Tônia Carrero

- Eu fui sócia não só de Adolfo Celi
- Como de Paulo Autran também
- E eu fui sócia imerecidamente
- Todos os dois eram muito maiores do que eu
- Quando eu trabalhei com Paulo Autran e Adolfo Celi
- Eu acho que eu fui na profissão a pessoa mais feliz
- E mais bem cercada da minha vida
- Eu não sou saudosista
- Acho que eu posso ter coisas melhores
- Mas até agora não pintou

Adolfo Celi

- Eu sei que você vai prestar um depoimento
- Para o seu inicial no teatro
- sobre toda a sua carreira
- Quais são as partes mais importantes deste depoimento?
- Bom, será duas
- O que eu fiz na TBC
- Quando eu cheguei em 1949
- E o que eu fiz quando nós saímos da TBC
- Com Tônia e Paulo Autran
- Refizemos a companhia Tônia Celi Autran
- E o que eu queria falar do TBC

- Sobre o que eu fiz
- E eu queria falar o que foi nossa companhia
- Porque além das razões sentimentais
- Além da maneira como nós obrigávamos
- A trabalhar seriamente
- Tônia, Paulo e eu
- Para mim foi à coisa mais séria
- Que eu fiz da minha vida
- Foi assim meu casamento com o Teatro
- Totalmente legalizado do tabilhão

Eduardo Tolentino

- De alguma maneira
- O TBC foi muito moderno pra sua época
- E gerou não só um mercado de companhia dos seus filhos
- Inclusive Paulo, Tônia e Celi
- Cacilda e Ziembinsky
- Valmour
- Mas gerou as suas antíteses
- Que foi o Teatro de Arena
- E o Teatro oficina
- Eu vejo, por exemplo, depois a
- Quando surgiu o Teatro de Arena
- O que manteve aquela gente unida era fé
- No fato deles estarem pela primeira vez retratando a realidade brasileira no palco
- Então era isso que os unia
- A fé política
- E uma fé teatral no sentido de que eles achavam
- Imprescindível pro Teatro mostrar a realidade brasileira
- Quando surge o oficina depois
- É a fé em torno de uma personalidade extraordinária

- Que era o José Celso Martinez Corrêa
- Ele fez espetáculos memoráveis
- Deslumbrantes
- No mesmo nível
- Tão bom quanto
- Talvez até melhor
- Do que todos os espetáculos do TBC

José Celso Martinez Corrêa

- Mas a companhia
- Ela pari um ser
- Ela pari uma coisa através das peças
- Que são coisas muito vivas
- E que nasce das ligações
- Das ligações amorosas entre a companhia
- Porque você precisa se inspirar com quem você trabalha
- Você precisa de desejar quem você trabalha também
- É uma questão visceral
- Porque vai estar ligado numa coisa extremamente assim
- Que vai nascer de um tecido que as nossas paixões
- Nossos amores
- Nossas percepções
- Nossos olhos
- Tudo isso se enreda até chegar a formar o que os gregos chamavam de um Tieso
- Tieso é esse companhia que a gente chama de companhia das amizades douradas
- Companhia Fio de Ouro
- A companhia cria um fio de ouro

Paulo de Moraes

- Porque uma companhia não é só um projeto de trabalho
- É meio que um projeto de vida
- São pessoas que tem uma identidade muito grande com certo tipo de trabalho
- E que se juntam acreditando piamente
- Que aquele cara
- Aquele diretor pode me desafiar a cada novo trabalho
- Aí ao escalar determinados degraus
- Artísticos da minha vida
- O que move uma companhia é isso
- E Essa fé no outro
- E Essa fé no tempo
- Na possibilidade de que esse
- Esse conflito constante com essas pessoas que tão juntas
- Possa te levar a um crescimento artístico
- Eu tive a ideia de fazer uma montagem da Tempestade ao ar livre
- Na beira de um lago
- Que existe lá em Londrina chamado Lago Igapó
- E eu fiz uma proposta pra prefeitura
- E pra secretaria de cultura na época
- Que eu queria trazer o Paulo Autran pra fazer o personagem
- E que se eu não conseguisse que ele fizesse
- Eu devolveria o dinheiro que eles tavam me adiantando
- Em apresentações de espetáculos da minha companhia
- E eu consegui o contato dele
- Liguei pro hotel
- Eu tinha 28 anos na época
- Você não me conhece mais eu vou fazer uma montagem da Tempestade
- E queria convidar você pra participar e tal
- Ele me recebeu super bem
- Mas falou

- Olha, a gente sabe conversar direito
- E ele depois de uma semana dessa conversa
- Ele me ligou e topou o projeto
- A ciência do futuro me revela que uma boa estrela rege agora o meu destino
- E eu devo aproveitar antes que o sol se apague e leve consigo a minha sorte
- Tem um momento na peça em que o Próspero abre mão da magia
- E essa cena é como o testamento do Shakespeare
- É como se ele tivesse se despedindo do teatro
- Essa cena final
- Esse momento em que o Próspero abre mão da magia
- Eu pedi pra um poeta amigo meu de Londrina fazer uma tradução
- Em verso assim
- Moderna
- Quando eu vi assim eu falei caramba!
- Esse momento tem que ser isso
- Vai ser lindo!
- Mostrei pro Paulo
- E o Paulo não gostou
- Nada
- Ele achava que não podia
- A gente não podia fazer aquela parte de forma tão poética
- Tinha que ser muito mais direto
- Que o público tinha que compreender aquilo
- De uma forma muito mais clara
- E ele foi
- O que você acha disso aqui?
- E achei que ele tava certo
- Me trouxeram aqui exatamente o texto que o Paulo escreveu
- E que entrou no espetáculo
- Eu vou ler

- Meu propósito sempre foi um só
- Agradar a vocês
- Agora não disponho mais de espíritos para me ajudar
- E renunciei as minhas artes mágicas
- Teria pois um fim tristíssimo
- Se ficasse preso a essa ilha deserta
- Reduzido as minhas próprias forças
- Aliás
- Bem fracas
- Por isso
- Peço que me ajudem a desatar os laços que me prendem
- A esse lugar
- E permitam que bons ventos levem meu navio
- Até Nápolis
- O que me prende aqui
- É só o encanto que vocês exercem sobre sobre mim
- Peço que me libertem
- Tenham compaixão
- E perdoem as minhas faltas
- Se querem ver seus crimes perdoados
- Deixem antes que a sua indulgência
- Me absolva
- Se desejam ver seus crimes perdoados
- Deixem antes
- Que sua indulgência me absolva
- E aqui
- Uma foto feita pela Annie Leibovitz
- Lá em Paraty
- Onde é bem o que é o Paulo
- Totalmente relaxado

- Um olhar irônico
- Bem à vontade
- E na dele
- Super centrado
- Não tinhas inseguranças assim de agradar, sabe?
- Fazer média com as pessoas não
- Ele era o que ele era
- E seguro de si
- Passava segurança pra gente
- E muito humor
- Ele tinha
- Então você vê que ele nem ta levando muito a sério
- Essa foto
- Tem assim um meio sorriso falando
- Porque que vocês querem essa foto de mim?
- Mas foi
- Então a gente vinha pra cá
- Ele adorava sentar
- Nessa poltrona verde
- Nessa Berger
- Onde a gente nossa
- Tivemos umas conversas tão maravilhosas
- Peças e peças
- Livros
- A vida
- Aqui e
- Até o Paulo e eu tínhamos um
- Não sei se é uma qualidade
- Mas a gente podia ficar em silêncio
- Sem falar nada

- Sem ser constrangedor ou a gente ficar ansioso
- Muitas vezes ele ficava sentado lá
- Eu ficava sentado aqui
- É só assim não precisava acontecer nada
- Só estar junto já era bom

Bete Coelho

- A memória mais marcante da minha infância foi a morte de minha mãe
- Os velórios na época eram em casa
- Na hora de fecharem o caixão me pegaram no colo e disseram
- Beije sua mãe!
- Olhei e vi que era minha mãe que estava dormindo
- Quando beijei
- Percebi
- Não! Não é minha mãe!
- É uma estátua
- É uma estátua branca
- Gelada!
- Não é minha mãe!
- Fui correndo para o quintal
- Onde estava o motorista de meu pai e a empregada
- E eles começaram a brincar comigo
- Senti
- Senti na brincadeira que estavam falsos
- Querendo brincar comigo
- Então não consegui brincar
- Percebi que alguma coisa grave tinha acontecido
- Via meus parentes chorando
- Mas não entendia porque
- Só fui sentir falta de minha mãe

- Nos dias subsequentes e por muito tempo
- Ficou até hoje a sensação de beijar uma estátua
- Uma impressão traumatizante

Biografia de um aventureiro

- Eu não posso explicar aos meus inimigos
- Não as razões que me levaram abandonar o exercício da solidão!
- Nem o sacerdócio da vida pública!
- A pátria é intocável!
- A família é sagrada!
- A minha esperança é um sol que brilha mais!
- Eai quando você sentir Dêu deu o primeiro
- Você deixa ele te dar um passo e meio pra trás
- Olhando pra ele
- Depois você olha
- O primeiro contato foi muito engraçado
- Porque eu fazia Liberdade Liberdade
- Um sucesso incrível
- Teatro de arena
- O Glauber Taurus
- Acabou o espetáculo
- Glauber não apareceu
- Pensei não gostou
- No segundo dia
- Glauber voltou!
- Nesse dia ele já andou pelo teatro inteiro
- Durante o espetáculo
- De repente batia a luz nele
- A gente via a cara do Glauber aqui e ali

- O que que tá acontecendo?
- Acaba o espetáculo e ele não foi falar conosco
- Eu digo
- Que esquisito!
- No terceiro dia o Glauber tá aí outra vez
- Nesse dia dobrou pé com cabeça
- O Glauber deitava no chão
- O Glauber incomodava os espectadores
- Fazia assim com a mão
- Na minha cara
- E eu digo
- O que que tá acontecendo?
- Nesse dia quando acabou
- Ele foi até o meu camarim
- Disse
- Paulo quero te convidar para fazer um papel
- Num filme que eu pretendo fazer
- Terra em Transe
- Meu deu o script
- Eu fiquei emocionadíssimo com o convite
- E principalmente com o cuidado que ele teve
- De olhar a minha cara de todos os ângulos
- Pra ver se eu servia mesmo pro papel
- Eu
- Ainda que insisto
- Eu que dei as primeiras oportunidades
- Eu que tantas vezes fui traído pelo os mais sórdidos
- E desprezíveis
- Eu
- Eu não poderia ser traído

- Logo por você
- Como você me agradeceu
- Como?!
- Uma baixa linguagem dos interesses políticos
- O filme ia ser
- Passar em três níveis de realidade
- Uma era a realidade absoluta até o momento
- Que o Jardel leva o tiro
- Depois o filme passa-se dentro da cabeça do Jardel
- São as coisas de que ele se lembra
- Como aconteceram
- E o delírio que ele está
- As coisas já vistas pelo delirando
- Um futuro que vai acontecer
- O que aconteceu
- Então eu estudei o papel
- Pensando em três níveis de interpretação
- Uma interpretação realística
- Uma interpretação no plano da memória
- Já uma coisa mais
- Saindo totalmente da realidade
- E uma coisa delirante
- Esses três planos desapareceram
- Totalmente na montagem do filme
- Eu perguntei ao Glauber
- Glauber, e como é que você vai fazer essa diferença
- Entre esses três planos no filme?
- Ele disse
- Não se preocupe
- Vou fazer com a colocação da câmera

- E no plano normal da realidade
- A câmera vai ser uma câmera bem comportada
- O filme começava com a câmera no teto
- Num ângulo totalmente inusitado
- E nunca houve uma câmera colocada no ponto de vista
- Acadêmico ou normal do filme
- Prenderam!
- Aprenderão!
- Dominarei essa terra!
- Botarei essas históricas tradições em ordem!
- Pela força!
- Pelo o amor da força!
- Pela harmonia universal dos infernos!
- Chegaremos a uma civilização!
- Tem um Rei Lear nos seus sonhos?
- Tem um Rei Lear nos meus sonhos
- Mas eu tenho muito medo do Rei Lear
- Tenho muito medo
- Porque Paulo?
- Porque é uma peça muito difícil
- É uma peça que você monta
- Você faz um personagem deslumbrante
- E a maioria da plateia acho que não gosta

Ulysses Cruz

- Eai um dia tocou o telefone na minha casa
- E era o Paulo dizendo que
- Gostaria de te convidar
- Porque eu gosto muito do seu trabalho
- Eu confio que você vai fazer um trabalho bacana

- Porque você já tem uma experiência com Shakespeare
- E eu disse pra ele
- Falei
- Não Paulo, pelo amor de Deus!
- Vamos fazer outra coisa!
- Vamos fazer as Alegres Comadres de Windsor
- Vamos fazer
- Tentei devolvê-lo da ideia
- De todas as maneiras
- Porque o Lear é a peça
- Eu acho a mais complicada
- Umas das mais longas
- Não é a mais longa
- Mas é uma das mais longas
- Ela precisa de oito atores
- Do nível do Paulo Autran
- E isso é muito raro de você encontrar
- No Lear foi exatamente um pouco esse espírito
- Que eu acho que o Paulo vendeu pra mim
- Que queria
- Ele queria uma peça que se comunicasse com o público
- De verdade
- Porque Shakespeare
- Ou você se comunica
- Ou acabou, né?
- Shakespeare pode ser a morte pra plateia
- Se ele não se comunicar com a plateia
- E a ideia da encenação toda
- Com muita música
- Com um cenário que era do Hélio Schelbauer

- Que se movia
- E criava diante do público
- As visões possíveis de todos aqueles cenários
- Mas o fato é que o espetáculo
- A peça se comunicou tremendamente
- Com o público
- Que saia de lá com a sensação que tinha assistido Lear
- E tinha visto Paulo Autran fazendo o Rei Lear
- O Rei Lear também é um personagem que ele escreveu em plena
- Em plena maturidade da sua carreira literária
- O Shakespeare
- Mas é um velho ao contrário do Próspero
- Da tempestade
- Que é um velho que amadurece durante a peça
- Vai dando valor real as coisas
- O Rei Lear é um imaturo
- Um impulsivo
- Um homem de uma violência total
- E que de repente por um desses impulsos
- De imaturidade
- Ele se vê na maior miséria
- Na maior desgraça
- Então logo começamos a levantar
- Fazer pequenas cenas e tal
- E um dia eu trouxe da minha casa
- Pro Paulo uma caixinha de papelão
- Eai eu falei
- Paulo, o que restou do Lear
- Deste grande figura
- Deste grande rei

- Cabe nessa caixinha
- Ele só tem isso
- Ele não tem mais nada
- Nessa altura dos acontecimentos
- Ele não tem nada
- Só o que ta aqui dentro da caixinha
- E dei a caixinha de papelão pra ele
- E eu vi que ele parou
- Ficou meio desconsertado
- E eu bati o olho nele
- Ele tava com os olhos cheios de lágrimas
- Depois de um tempo
- Ele disse pra mim
- Que o fato de eu ter dito isto pra ele
- Tinha caído uma ficha de entender a precariedade absoluta
- Deste personagem
- E que ele deveria fazer a precariedade humana
- E mais nada
- Então todo o restante dos nossos ensaios
- Eu vi este homem
- Que
- O Paulo era um ator com muita elegância
- Com muita pompa
- Com muito apombi
- Como se diz, né?
- E eu vi este homem procurando se quebrar
- Pra fazer o mais precário dos humanos
- Estudei muito o meu Lear
- Que personagem!
- Que aprendizado de vida

- O texto foi muito cortado
- Eu cortei
- Ulysses
- Que às vezes me dava ouvido
- Indicações utilíssimas para a minha interpretação
- Também cortou
- E o tradutor cortou
- Talvez tenhamos cortado demais
- A crítica não gostou
- A classe teatral idem
- Mas o entusiasmo do público
- Dos estudantes foi total
- Eu fui ovacionado durante todas as sessões da carreira da peça
- Já fui ovacionado algumas vezes
- Em uma ou outra estreia
- Mas durante toda a carreira de uma peça
- Foi à primeira vez
- Aliás, a única vez
- São coisas que lavam a alma da gente
- Um momento mais terrível de toda a minha carreira foi à estreia de Macbeth
- No Rio de Janeiro em 1970
- Com direção de Fazi Arap
- Eu envelheci 10 anos no dia daquela estreia
- Quando eu entrei em cena como Macbeth
- Carregando uma metralhadora de madeira
- Tosca
- O que era pra ser uma entrada triunfante
- O público começou a rir
- E a rir
- E a rir

- Eles não paravam mais de rir
- Eles riam de um jeito que não se pode imaginar
- O que eu senti foi uma coisa terrível
- Não porque o público riu
- Mas porque eu achei que o público tinha razão
- Foi terrível
- No fim do intervalo
- Demos os três sinais
- E o segundo ato começou
- Quando eu ia abrir a boca pra falar
- Eu ouço a voz do Fausi Arap na coxia me chamando
- Paulo!
- Paulo! Começa de novo!
- Esses imbecis tão lá fora conversando no hall!
- Eu sai de cena
- Mandei fechar o pano
- E esperei
- Até que o público voltasse pro seu lugar
- Pra poder recomeçar
- Esse foi um dos momentos mais dolorosos da minha vida
- Toda essa estreia do Macbeth
- A peça era um equívoco!
- Um equívoco total!
- No dia seguinte comecei mexer
- Substitui as meias de Futebol
- Que os atores usavam por botas
- Cortei o hino de Futebol Pra frente Brasil
- Que entrava do nada
- Tirei as trancinhas loiras que o porteiro do Macbeth usava
- Era ridículo!

- E mandei jogar fora aquela metralhadora de madeira
- Melhorou um pouco
- Durante a temporada do Rio
- Eu fui tornando o espetáculo mais acessível para um público normal
- Em São Paulo não houve mais escândalo
- Em Campinas
- Macbeth me deu até um prêmio da prefeitura
- De tudo
- Sobrou o prazer inenarrável
- De ter podido um dia dizer em cena
- A célebre definição
- A vida é uma história
- Narrada por um tolo
- Cheia de som e fúria
- Significando
- Nada!

Paulo Autran Entrevista

- Olha, eu fiz tanto papel
- Que me deu trabalho
- Meu Deus do céu!
- Não vou dizer o que mais me deu
- Vou te contar uma coisa
- Um dos papéis que me revelou
- Todo um lado do teatro
- Que pra mim era inacessível
- Foi uma pecinha de Boulevard francesa
- Do Roussin
- Chamada Uma certa Cabana
- La petite rutte

- Uma pecinha que é uma bobagem
- Muito divertida
- Muito engraçada
- Mas pela primeira vez eu fiz um personagem
- Totalmente diferente de mim
- Com uma total simplicidade
- O resultado foi fantástico
- Você lembra?
- Fantástico!
- Eu estava lá
- Sempre marchando atrás
- Você melhora no teatro como ator
- E como atriz
- Fazendo um grande texto
- E às vezes fazendo uma coisa que parece superficial e boba
- Da uma abertura como ator
- Como na arte de interpretar
- De uma maneira extraordinária
- Então é
- Nem sempre são os grandes textos que te ajudam na capacidade de interpretar
- Ele
- Que na hora da morte
- Ainda disse
- Lembrem-se meus filhos
- Sigam sempre o caminho virtude
- Ele que não vivia se chateando com a mania da felicidade
- Que buraco nos meteu!
- O que! O que será dele com esse maluco?!
- Câmbio negro?!
- Maconha!

- Hipócrita!
- E embrulhão!
- E mulherengo com mania de ser machão
- Ele era o nosso pai!

Entrevisa Mauro Farias:

- Eu me lembro que o Paulo tinha uma coisa assim
- Que eu percebia
- Ele era um cara que lia tudo
- Gente que mandava coisas pra ele
- De todo lugar do Brasil
- Ele lia
- Ele respondia
- Ele dava opinião
- Ele era um cara assim
- Entendeu?
- Ou seja
- O que eu imagino
- E me lembro dele
- Era que ele era um cara muito interessado em tudo
- Entendeu?
- E acho que ele veio motivado
- Ele leu e pensou na ideia de fazer o filme
- Motivado por esse interesse natural dele

Curta - Direção Mauro Farias

- Procópio! Olha!
- Olha aquelas formigas no teto!
- Devorando a minha casa!
- Que formigas?
- Ali!

- Mata elas! Tire elas dali já!
- Não tem formigas!
- Não tem formigas, coronel!
- Você ta me chamando de louco!
- Te serviu?!
- Não
- Eu só to dizendo que não tem formigas no teto
- Talvez seja só impressão
- Eu não sou louco!
- Nem criança!
- Vá fazer o que eu disse!
- Ele também era um realizador, né?
- O Paulo ainda mais
- Já na cidade era uma cara com muita personalidade
- Com muita autonomia sobre tudo que ele fazia
- Era uma conversa
- Era um diálogo
- Sobre o que ia acontecer na cena
- Mais do que dirigir
- Dizer faça assim ou faça assado
- Entendeu?
- Você quer me matar!
- Você está me envenenado
- Porque isso coronel?
- Porque eu faria isso?!
- Não tenho que dar explicações
- É uma sopa de legumes!
- Isso aqui?!
- Isso é uma porcaria!
- Como você deve ter comido a sua vida inteira!

- Seu filho de uma camela!
- Isso aqui é comida pra camelo!
- Como você
- Sua mãe
- Seus irmão!
- E sua família toda!
- Olha bem pra isso!
- Eu não sou ruminante como você!
- Eu sou um homem, entendeu?
- Olhe-se bem no espelho!

E olhe pra mim

- E veja bem a diferença
- Camelo!
- Camelo!
- Camelo!
- Camelo!

Entrevista Mauro Farias (cont.):

- Quando ele morre
- O enfermeiro mata ele, né?
- Mata ou supostamente mata
- Agarra o velho no pescoço assim
- E o velho morre
- Eai ta lá o velório
- O Paulo
- A gente tava preocupado assim
- Falar pro Paulo entrar no caixão
- Ficar lá no caixão o tempo todo
- Vamos aliviar essa
- Vamos fazer uma máscara
- Vamos fazer uma coisa assim

- A gente faz um boneco
- Bota lá com uma máscara
- Flores encima
- Paulo não precisa ficar lá
- Ai no dia de filmar a cena
- Paulo falou assim
- Não! Não! Vou fazer a cena
- Quero ficar aqui no caixão
- Deixa comigo
- Quero fazer
- Sensacional né?

Curta - Direção Mauro Farias (cont.)

- Caique!
- Que fizestes do teu irmão?
- Camelo!
- A diferença entre Boulevard e Chanchada
- Boulevard é uma comédia inteligente
- Sutil
- Um texto de alto nível
- Chanchada é uma coisa mais chula
- Rasteira
- Que tenta arrancar o riso a qualquer preço
- Chancar é piscar o olho pra plateia, por exemplo
- Acrescentar cacos
- Inventar marcações cômicas que não tem nada a ver com a peça
- Com o personagem
- Eu adoro um bom Boulevard
- É um gênero muito difícil
- A tendência do ator brasileiro é sempre transformar a comédia em chanchada
- Se a peça pode fazer rir

- O ator se sente na obrigação de conseguir uma gargalhada a cada frase
- Não importa através de que recursos
- Se o texto tem um enredo
- Uma qualidade literária
- Tudo o que você tem que fazer é servi-lo com delicadeza
- Com humor
- Mas sem exagerar
- Que é o que eu chamo de chanchar
- No Boulevard também não precisa se aprofundar os personagens
- O Boulevard é como uma frágil taça de champanhe
- Qualquer peso maior ela quebra
- Representar o Boulevard é como andar no fio da navalha
- As tentações pra sair de lá são grandes
- E se o ator cede pra qualquer lado
- Estraga tudo
- O meu método é o seguinte
- Eu não tenho método
- Não tenho mesmo
- Eu
- Claro que a gente precisa ler a peça
- A gente vê o que é que aquele personagem
- Dentro daquela peça
- Ai você começa a me perguntar
- Porque que ele diz tal frase?
- Porque que ele responde isso a fulano e não a outra coisa?
- Isso vai levando você a convicção do que é o personagem
- E qual é a função do personagem dentro da peça
- Agora
- Isso não é um método
- Porque você

- Eu me submeto ao método do diretor
- Se o diretor faz muito ensaio de mesa
- Eu adoro ensaio de mesa
- Eu faço ensaio de mesa
- Naquele que se discute cada frase
- Cada cena
- Se o diretor não quer fazer ensaio de mesa
- Não faço ensaio de mesa
- Vai pra marcação direta
- E durante os ensaios é que vai se discutindo
- O texto e as razões do texto
- Então eu não tenho um método meu
- Eu tenho um método de cada diretor que eu trabalho
- Eu queria fazer
- O Solness
- Por se tratar de uma peça entre o embate
- Entre o novo e o antigo
- Naquele momento isso me questionava muito
- Contar isso
- A peça contava de um ponto de vista de um velho
- Era um o Ibsen velho
- Falando desse embate com a juventude
- E eu queria contar do ponto de vista inverso
- A juventude falando desse confronto
- Com a idade madura
- Com o Outono
- Eu acho super importante
- De alguma maneira dizer
- Que eu não tinha uma relação fácil com o Paulo
- E muito por imaturidade minha

- Passados trinta anos
- Quase trinta anos
- Eu vejo que se eu soubesse sabido lidar com mais
- Experiência com a situação
- Nós teríamos tido um resultado melhor
- No caso do Solness
- É uma peça simbolista
- De alguma maneira o Paulo rejeitava todos os aspectos de uso simbólico na cena
- O uso da cor
- Cada ato tinha uma cor específica
- Não sei nem se era bom
- Mas tinha essa busca
- E ele recusava isso
- Teve uma ideia sensacional
- Tinha uma troca de cenário que a gente tinha que fazer
- No qual ele ficava como centro
- Então eu peguei um ator do grupo
- Botei no dia de folga do Paulo
- E marquei toda a cena e apresentei pro Paulo
- Pra ele não reagir contra
- Eai quando ele viu o que era
- Ele reconheceu que aquilo tinha algum mérito
- Eai topou fazer
- Essa foi uma das poucas mudanças diplomáticas
- Que eu tive
- De acerto
- O Paulo era um ator com recursos inacreditáveis
- E eu achava que poderia extrair dele alguma coisa diferente
- Do que até então ele tinha feito
- Tinha lido uma crítica do Décio de Almeida Prado

- Dizendo sobre o Édipo
- Dizendo que o Paulo era um grande ator
- Mas que nós estávamos habituados às velhas reflexões dele
- Acho que muito influenciado por isso
- Eu sentia não
- O meu embate não era desprezando o Paulo
- Ao contrário
- Eu queria que ele rendesse mais
- Mas eu acho que na minha inexperiência
- Eu não soube dizer isso pra ele
- Eu não sabia naquele momento porque eram dois monstros
- Era o Paulo e o Ibsen
- Na fase final
- Então eram duas coisas que eu digo assim
- Como é que eu fui ter coragem de fazer isso naquele momento?
- Essa confluência de relações
- É uma coisa muito difícil da gente estabelecer
- Porque ambas as relações
- A mais velha e a mais nova
- Desconfiam umas das outras
- O teatro vive exatamente do confronto de gerações
- Quando eu trabalhei como Paulo
- Como com outros atores
- O que me interessava sobretudo era isso
- Colocar os meus valores em cheque
- Você não faz teatro sem colocar seus valores em cheque
- O Vittorio Gassman
- Aquele ator italiano incrível
- Ele elogiava muito a interpretação dos atores americanos
- Elogiava a preocupação deles com a verdade dos personagens

- Dos mínimos detalhes
- Só que o próprio Vittorio preferia um Teatro em espaços amplos
- Pinceladas largas
- Eu concordava totalmente com ele
- Pensava
- É preferível conquistar
- Um público cada vez maior
- Com texto capaz de interessar grandes plateias
- Ao invés de fazer uma peça para um grupo pequeno
- Um texto de menor alcance
- Um texto de câmara
- Voltado apenas para um grupo recente de pessoas
- E pensava
- Então porque é que eu traduzia
- Eu fiquei encantada com tradução do Harold Pinter
- Um típico texto de câmara
- E tentando responder essa pergunta
- Foi que eu percebi que o que eu tinha dentro de mim mesmo
- Era uma vontade enorme de pesquisar
- A arte da interpretação
- Porque a peça do Pinter
- Ela pede um aprofundamento da interiorização dos personagens
- A linguagem era coloquial
- Era cotidiana
- É quase banal
- Mas o importante
- É o que não é dito
- Eu mergulhei com tanta intensidade nessa pesquisa
- Eu queria expressar só o que fosse absolutamente necessário
- Nada de gestos teatrais

- Pausas teatrais
- Nada de feitos
- A busca da verdade
- É difícil a busca da verdade
- Sabe, acho que esses foi um dos trabalhos que eu mais gostei de fazer
- O fato do Paulo querer desafios
- Ele fez tragédia grega
- Isso é sensacional
- Fez Becker
- Fez uma série de coisas ousadas
- Contrariavam de certa maneira
- A imagem de mainstream
- Então eu acho que havia no Paulo
- Como um grande artista que ele era
- Uma necessidade de ruptura
- As coisas existem
- E às vezes em grau de conflito
- Mas elas coexistem
- O Mainstream subsidia a vanguarda
- Porque a Vanguarda é a pesquisa que faz o mainstream avançar
- Faz o mercado avançar
- E a tentativa da tradição é exatamente assimilar
- Esse questionamento da vanguarda
- E andar
- Já eu tive uma polêmica com ele
- Uma polêmica
- Uma polêmica que foi o seguinte
- Nós estávamos fazendo Os Sertões
- Ai ele soube que tinha uma masturbação
- Então ele declarou que ele jamais admitiria uma cena de masturbação

- No teatro por isso
- Por aquilo
- E não sei o que
- Era uma cena linda!
- Que era o seguinte
- Canudos na cidade de Bauá
- É o primeiro exército que chega
- Pra atacar Canudos
- Ai quando eles estão dormindo ainda
- Chega os sertanejos
- Cantando
- Aquele vozeril manteigo
- E eles apavorados
- Eles acordam
- E tem um soldado que tava se masturbando
- Ele vê aquilo e ele continua se masturbando
- E pega a arma
- Ai de repente quando a arma atinge ele
- Ele goza
- De verdade
- Ai eu me rebelei por ele não ta compreendendo isso
- Ai eu dei uma réplica bem violenta
- Chamei ele de ocupar o posto
- De maior ator do Brasil
- Como um cargo
- De ser sempre monótono
- De sempre falar daquele jeito
- E fazer
- Não virar
- Depois a gente se refez

- Até ele antes de morrer
- Ele tava muito feliz porque ele tinha lido meu artigo sobre Paulo Autran
- Entendeu?
- Porque ele queria ser o cargo do Paulo Autran
- Ele queria ser o rei do teatro
- Mas o rei do teatro era Paulo Autran
- Quer o queira não
- Eu sou Bibi Ferreira
- Do teatro
- E uma das grandes felicidades da minha vida foi
- Estar no Teatro e ter a oportunidade de trabalhar com um dos seus maiores atores
- Paulo Autran
- Ele dizia que não cantava
- E ficou apavorado quando um dia
- Um dia eu cheguei em casa
- Me disseram
- Telefona depressa para o seu Paulo!
- Paulo Autran!
- Quer falar com a senhora!
- O que foi? O que foi?
- Alô! Paulo!
- É Bibi
- Ah! É o seguinte!
- Compraram os direitos autorais do Homem de La Mancha
- E eu não sei cantar! Como é que vou cantar?
- Mas o negócio de cantar é diferente
- A pessoa tem que ter um dom pra cantar
- E eu não tenho
- Eu digo
- Paulo, eu sei que você vai dar um jeito qualquer

- Que jeito qualquer! Vou procurar voz aonde?
- Não tenho voz! Eu não sei cantar!
- O que é que eu vou fazer?
- Homem da La Mancha
- Os textos e as músicas
- Foram escritas para um grande cantor
- Que também pudesse interpretar como ator
- Eu não sou Richard Kiley!
- Richard Kiley era um grande cantor e ator americano
- Que representava justamente esse papel na Broadway
- E nós dois assistimos lá
- Quando a orquestra atacava as minhas músicas
- Eu já me intensava todo
- Já ficava todo duro
- Então um pouquinho de voz que eu tinha não saia mesmo
- Então eu tentava
- Sonhar
- Mais um sonho impossível
- Era uma coisa assim mole
- E eu tinha visto esse espetáculo na Broadway
- E nesse momento a plateia se levantava
- Aplaudindo
- Acabei de cantar
- A plateia sentava
- Estava sentada continua
- Ninguém aplaudiu nem nada
- Não posso! Não sei o que!
- Fiz aquela coisa
- Aquela fita toda
- No segundo dia lá fui eu

- Sonhar
- Mais um sonho impossível
- Louco de ódio
- Porque eu sabia que era um momento importante
- Que eu tava perdendo
- Eu digo
- Paulo recita
- Fala dentro da métrica
- Não sei não!
- No terceiro dia
- Eu disse assim
- Sonhar! Mais um sonho impossível!
- Acebei
- Aplausos
- E ele tirou de letra
- Mas tirou de letra
- A ovação que ele recebia
- Depois que ele recitava
- Dentro da métrica
- O Sonho impossível do Homem de La Mancha
- Era uma ovação das maiores que eu já vi
- Do Teatro Brasileiro
- Mais do que merecida
- Querido Paulo Autran
- Sonhar! Mais um sonho impossível!
- Lutar! Onde é fácil ceder!
- Vencer o inimigo invencível!
- Negar quando a regra é ceder!
- Sofrer a tortura implacável
- Romper a incabível prisão

- Voar num limite improvável
- Tocar o inacessível chão
- É minha lei!
- É minha questão!
- Virar esse mundo!
- Gravar esse chão!
- Não importa saber se é terrível demais
- Quantas guerras erei de perder!
- Com um pouco de paz
- E amanhã se esse chão que eu beijei
- For meu leito e perdão
- Vou saber que valeu delirar
- Morrer de paixão
- E assim
- Seja lá como for
- Vai ter fim a infinita aflição
- E o mundo vai ver uma flor
- Brotar!
- O impossível
- Chão!
- Na hora da crise
- Penso
- Penso que a minha companhia
- Que meus colegas
- Tão dependendo de mim
- Daquele espetáculo
- Afinal de contas
- O show tem que continuar
- Não é assim?
- Então eu engulo o meu sofrimento

- Vou e faço o espetáculo
- A plateia não tem nada a ver com o meu sofrimento
- Na verdade vários colegas me dizem que a gente é mais importante
- Que o espetáculo
- Que no momento de sofrimento devemos suspender a apresentação sim
- Eu não sei
- Eu lembro do dia que eu fiquei sabendo
- que a Cacilda Becker tinha tido aneurisma que acabou causando a sua morte
- Pra mim foi um sofrimento
- Mas um sofrimento muito grande
- Eu tava em Porto Alegre apresentando
- Naquele dia eu dediquei o espetáculo pra ela
- E entrei em cena
- Nossa, eu fiquei sabendo da notícia de um jeito tão terrível
- Eu tava no hotel
- Veio um repórter e pediu
- Paulo! Fale sobre a Cacilda!
- Cacilda
- Porque?
- Porque ela está a beira da morte
- Cara, eu nem respondi
- Levantei da poltrona onde eu tava e fui pro meu quarto
- Chorei
- Chorei
- Chorei
- Chorei muito tempo
- A noite eu fui pro teatro e fiz o espetáculo
- Acredito que eu tenha feito também nos outros dias
- Talvez até um pouco melhor
- E no dia que meu pai morreu

- Foi a mesma coisa
- O show tem que continuar
- O Paulo Autran é um momento magnífico
- Do Teatro Brasileiro
- Durante toda a vida dele
- Algumas vezes ele me convidou pra trabalharmos juntos
- Isso nunca pode ser possível
- Porque eu também tinha uma companhia
- E quis o destino que um dia nós reuníssemos numa novela
- Maravilhosa
- Cômica
- Solta
- Chamada Guerra dos Sexos
- Ai nós nos encontramos bem de perto
- E convivemos durante
- Acho que uns sete ou oito meses
- Guardamos essa época assim
- No melhor do nosso coração
- Ele tinha talvez
- Menos votos do que eu
- Desse trabalho nosso
- Tem cenas referenciais
- De vez em quando repetem na televisão
- Tal a felicidade do nosso encontro como atores
- Como amigos
- Remexendo as minhas coisas
- A propósito de um livro de fotos
- Eu encontrei fotos muito bonitas
- Nossas da Guerra dos Sexos
- Eu estava ouvindo falar que Paulo não estava nada bem

- Que às vezes até parava o espetáculo
- Mas que ia lá com toda a sua força
- Com toda a sua adesão a esse meio de expressão
- Que era fundamental pra vida dele
- Isso se ouvia daqui do Rio
- Sabíamos que ele estava com extraordinário sucesso fazendo o Mulier
- Então mandei pra ele essas fotos
- Recebo então uma carta dele
- Estou talvez pela quarta vez
- Não mais que isso
- Falando dessa carta
- Aqui está a carta
- Com a letra dele
- Nessa carta
- Ele diz o seguinte
- Minha querida Fernanda
- Tenho uma antiga carta
- Do Flávio Império
- Em que ele comenta
- Como é a nossa convivência de gente de Teatro
- Ora somos íntimos
- Ora nos separamos
- Continuamos amigos
- Ou não
- Isso é bem o Paulo
- De longe
- E às vezes nunca mais voltamos a nos falar
- Ele sentiu necessidade de me escrever
- Após assistir pela segunda vez
- Amante Inglesa

- Para me dizer o quanto eu tinha gostado
- Do meu trabalho
- O que ele achava de mim
- Etc
- Até hoje essa carta me comove
- Pela verdade e simplicidade do gesto
- Esta carta
- Esta
- É para te dizer o quanto eu gosto de você
- O quanto eu admiro o seu talento
- A sua personalidade original
- E rara
- Só para você registrar
- Muito obrigado pelas fotos
- Dessa novela
- Eu tenho duas outras
- Mas não tão boas
- Recebê-las agora
- De você
- Com uma cartinha
- Tão adorável
- Foi uma alegria
- O que quase não tem acontecido em minha vida atualmente
- Felizmente eu terminei a minha carreira em glória
- No último Domingo
- Quando eu fui para o hospital com infarto
- Após um ano de Aventura em cartaz
- Devolvemos mil entradas de bilheteria
- Meu infarto é o meu fim como ator
- Não posso estar contente

- Pelo contrário
- Karen tem sido de uma dedicação total
- Não me largue e me diverte
- Com seu astral privilegiado
- Estou de cadeira de rodas
- E com ela eu vou aos teatros
- Cinemas
- e restaurantes sem degraus
- Meus médicos dizem que eu não vou morrer
- De câncer
- Que está controlado
- E praticamente não é mais visto nas chapas
- O especialista do coração diz que eu estou ótimo
- E eu me pergunto
- Vou morrer de que?
- Faz muito tempo
- Ou melhor
- Nunca me abri
- Como neste momento
- Talvez por isso
- O controlado Paulo Autran
- Está chorando como uma criança
- Isto até está me fazendo bem
- Um beijo muito carinhoso para você
- Do colega e amigo
- Que te ama
- Paulo
- Paulo Autran
- Ele assina
- Como vocês imaginam

- Quando eu recebi essa carta
- Nós todos somos de uma mesma geração
- Estamos todos
- Agora então
- De oitenta para noventa
- Então
- Eu mandei uma carta pra ele
- Dizendo
- Paulo querido
- acredite
- Eu me tornei uma pessoa melhor com a sua carta
- Tão comovente
- Corajosa
- E tão amorosa
- Chorei e muito
- Pelo passado
- Pelo presente
- E porque não?
- Pelo futuro
- Sei na pele
- E também por olhar em volta
- Que não é fácil atravessar a chamada velhice
- Falo de nós todos que permanecemos entre setenta e cinco e oitenta e cinco anos
- Nós pertencemos a uma raça
- Nós de teatro
- Você aí mais de primeira dessa nossa raça
- Resistimos alimentados pela nossa bendita vida
- de gente de teatro
- Cada um a seu modo
- É uma vida desesperadamente

- O que é que eu posso fazer?
- Quando li na sua carta
- Terminei a minha carreira em glória
- Meu infarto foi o meu fim como ator
- Eu tive um estupor
- Um choque
- Um desassossego
- Uma adrenalina
- Se posso dizer paralisante
- Porque se você para
- Se você encerra a sua vida de palco
- Toda a nossa geração
- para
- Todos nós vamos com você, Paulo
- Em principio todos nós da nossa geração
- Paramos com você
- Essa é a importância da sua vida maravilhosa
- Você saindo de cena
- Fecha-se um cliço da história da nossa vida
- Do nosso teatro
- Certamente o cliço melhor
- O que mais frutos deixou para os que vieram
- Ou vierem depois de nós
- Sua carta é um documento importante pra mim
- Essa carta eu guardarei comigo
- E depois de mim tenha certeza de que meus filhos
- Saberão o valor dela
- Não podia deixar de lhe escrever de volta
- Sobre essa realidade na qual você está vivendo
- Com toda a minha emoção

- E a mina esperança
- Digo a você
- Que não quero me permitir a aceitar a palavra
- Terminei
- E meu fim como ator
- Não quero
- Infinitamente
- E escrevo isso porque
- Não acho que seja um sentimento inútil
- Não vou falar em Deus
- Ou em reencarnação
- Ou em energias
- Eu me agarro sim é na existência mesmo Paulo
- Na presença mesma
- Nas lágrimas mesmas
- Nas alegrias mesmas
- Embora poucas como você me escreveu
- Preciso lhe dizer aos setenta e oito anos
- Por tantos lá se vão
- Nove anos
- Preciso lhe dizer aos setenta e oito anos
- Que registro
- Que recebo as suas palavras
- De amizade
- De amor
- Como se estivéssemos vinte anos
- Mas com cem anos de experiência de vida
- Bem vividas
- Na verdade por mais que eu escreva
- Não consigo lamentavelmente

- Dizer o quanto esse momento de sua vida
- Me toca
- Somos contemporâneos
- E somos interdependentes
- Paulo querido
- Todos nós
- interdependentes
- Agradeço a sua confiança em mim
- Ao me falar de seus sentimentos
- Tão profundos
- Grande abraço
- Fernanda
- Ele morria quatro dias depois
- Então
- Quando vocês me falaram
- Me convidaram para falar sobre o Paulo
- Eu não tenho nada mais importante
- E mais de comunhão humana do que isso
- E isso veio não porque a gente se visitava
- Não porque a gente era amiguinho
- Não
- Nós nos atravessávamos assim raramente
- Dado tanto trabalho dele
- Viajando
- De tanto trabalho nosso viajando
- Mas eu acho que o Paulo
- No século que está ocorrendo
- No outro que ele atravessou com mais tempo
- É ele o referencial da nossa vida de teatro
- Do nosso Teatro Brasileiro

- Só porque você não aguenta ver uma mulher num posto de mando
- Você não hesita em ter prejuízo em sua própria firma
- Só meia firma
- A outra metade é sua
- Tá onde eu errei
- O que não me deixa mentir
- Mas é rabugento
- É rabugento
- Você não é só um comerciante sem talento não
- Você é burro!
- Ouviu bem?
- Burro!
- Burro pacato!
- A vontade que eu tenho é pegar este café e jogar na sua cara
- Você não teria coragem
- Não
- Não
- Se você jogar esse café na minha café na minha cara
- Não vai ser só a Roberta Leoni que vai ficar fora não
- Vai ser todo o seu departamento
- Vai ser ocupado por homens muito mais capazes
- Do que aquela mulherada incompetente que trabalha com você
- Incompetente
- Incompetente
- Iguais a você
- Muito bem
- Muito bem
- Espero que esse lhe sirva de lição
- A senhora não espera que eu fique com essa xícara de café na cara
- Sem tomar uma atitude

- Não é?
- Segundo as suas palavras
- O senhor ia demitir as minhas queridas funcionárias
- Sim, mas isso vai ser depois.
- Depois do que?
- Que eu atirar essa xícara de café na sua cara
- Não
- O senhor não teria coragem!
- Não?!
- Muito bem
- Infelizmente
- Eu tenho que revidar
- As suas ordens
- Eu acho que a senhora não vai ter essa coragem
- Não
- Eu tenho a impressão de que a senhora pretende levar isso adiante
- Não?
- Pretendo
- Muito bem
- Com a sua licença
- Bom
- É evidente que eu tenho que fazer alguma coisa
- Esteja à vontade
- Eu acho que é realmente inevitável, não?
- O senhor sabe que isto aqui não vai ficar assim!
- Como à senhora desejar
- Disponha!
- Realmente eu estou
- À vontade
- É um prazer

- Disponha!
- Pode satisfazer o seu apetite
- Sirva! Sirva-se!
- Minha nossa Senhora!
- Olivia
- Pode tirar a mesa

